

JOÃO PESSOA: “UMA JORNADA FANTÁSTICA”

JOÃO PESSOA: “A FANTASTIC JOURNEY”

Jamylle Rebouças Ouverney

Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
Pós-doutoranda na Universidade de Ciências Aplicadas de Tampere (TAMK) – Finlândia.
E-mail: jamylle@ifpb.edu.br

Resumo: A presente incursão investigativa traz à baila as percepções e os sentimentos envolvidos nas trajetórias de sujeitos anglo-americanos, que partem de seus países de origem para João Pessoa, na Paraíba. A história oral foi aplicada como técnica e metodologia para entrevistar seis sujeitos, entre 35 e 70 anos, de maio de 2012 a novembro de 2013, acerca dos seus deslocamentos. A análise crítico-discursiva auxilia a investigar como determinadas escolhas lexicais e práticas discursivas e sociais revelam a compreensão das experiências sobre os deslocamentos para a cidade. Nesse sentido, a opção pela cidade, embora, às vezes, apontada como obra do acaso, muito se deve às necessidades pessoais de aventura daqueles que desejam desviar-se dos destinos sociais. Fuga às origens, busca pela satisfação pessoal e profissional, o sonho de um lar próximo à praia, esses são alguns elementos do escapismo urbano e contemporâneo que, se, a princípio, parecia individual, aos poucos é delineado pelas relações conjugais e familiares, centrais para as mobilidades desses sujeitos.

Palavras-chave: Trajetórias de vida. Interdisciplinaridade. Escapismo. Migração. João Pessoa.

Abstract: The current inquisitive foray brings forward the perceptions and feelings within the paths of Anglo-Americans subjects who departed their homeland towards the city of João Pessoa, Paraíba. Oral history was applied as a technique and methodology to interview six subjects, between 35 and 70 years old, from May 2012 to November 2013 about their relocations. Critical discourse analysis aids in investigating how lexical choices, discursive and social practices unveil understandings about their movements to the city. That said, choosing the city, even though sometimes it may had been pointed out as predestined by fate, owes much to their personal need for adventure and deviation from social destiny. An escape from their origins, a search for personal and professional satisfaction, a dream of a home by the beach, these are some elements of the contemporaneous urban escapism that may seem individual at first, but little by little is shaped by marital and familial relationships, key to these subjects' mobilities.

Keywords: Life trajectories. Interdisciplinarity. Escapism. Migration. João Pessoa.

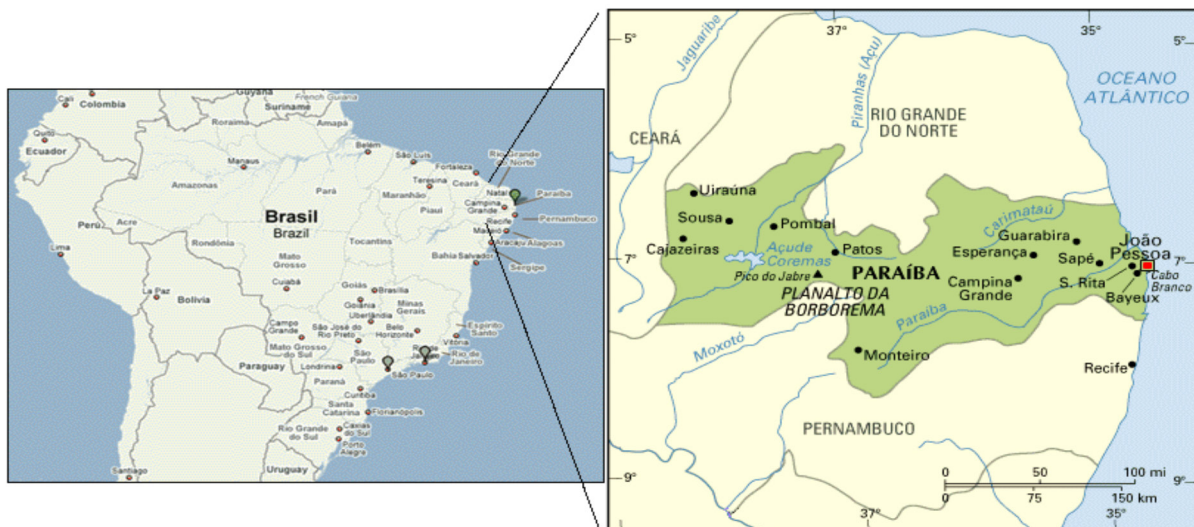
“João Pessoa sonha
Com o seu verde colorindo o azul do mar
E a cidade velha já se acorda
Com seu canto secular”.
(Mestre Fuba, 1987)

O presente artigo é um recorte da tese de doutorado *Escape às origens e trajetórias de estrangeiros em João Pessoa* (Ouverney-King, 2014), em que são discutidas as memórias sobre as trajetórias de seis sujeitos anglo-americanos que fixaram residência na cidade de João Pessoa em um período de 30 anos (desde 1969 até 2009). A seguir, apresentam-se uma breve introdução e as motivações para a pesquisa, os marcos temporais e metodológicos, a análise dos excertos e algumas considerações sobre a análise.

João Pessoa é a terceira cidade mais antiga brasileira, já foi Nossa Senhora das Neves, quando da sua fundação em 1585, Felipéia (com a ocupação espanhola), Frederícia (ou Frederikstadt, com a ocupação holandesa de 1634) e Paraíba do Norte, até chegar ao nome atual.

Em 1930, uma homenagem ao presidente do Estado à época, assassinado na cidade de Recife, em Pernambuco. Localiza-se no Nordeste do Brasil, na costa leste, entre os estados de Pernambuco, ao sul, Rio Grande do Norte, ao norte, e Ceará, a oeste, como mostra o destaque em verde – para o estado – e vermelho – para a cidade – no mapa (Figura 1).

Figura 1: Mapa localizando João Pessoa, na Paraíba, no Brasil, na América do Sul



Fonte: Disponível em: <http://www.de.ufpb.br/~flins2014/imagens/paraiba-mapa.gi>. Acesso em: 4 jul. 2013.

Saskia Sassen (2005), em pesquisas sobre grandes cidades urbanas, ou “cidades globais”, ressalta que podem existir cidades de menor porte, mas que exercem as mesmas funções de cidades globais, aquelas em que processos de internacionalização e globalização se tornaram corriqueiros e operacionalizam relações econômicas, políticas, culturais e subjetivas. As “minicidades globais” (Sassen, 2003) colocam em prática operações e estratégias políticas, econômicas, culturais, subjetivas e relacionais para facilitar a adaptação, a documentação e a sobrevivência dos sujeitos imigrantes, para citar alguns exemplos.

João Pessoa é uma cidade pequena, mas com traços econômicos e educacionais que a conectam ao panorama global, tornando-a uma “minicidade cosmopolita”, ainda que em diferentes proporções, se comparada às suas vizinhas Recife e Natal. Ela é “minicidade cosmopolita” porque incorpora características de uma “minicidade global” (Sassen, 2003), mas sem perder sua identidade de cidade, preservando sua cultura e seus interesses culturais.

O estímulo da pesquisa sobreveio do desejo de compreender as motivações individuais que levam as pessoas, de um modo geral, a mudar, por exemplo, de um país para outro. Afinal, os deslocamentos internacionais detêm variadas características e complexidades que necessitam de um olhar tenaz para desvendar as razões a eles intrínsecas.

Os sujeitos selecionados para a pesquisa foram, em decorrência do campo de atuação profissional, professores de inglês, por formação ou opção, que saem de países, econômica e culturalmente influentes, para o Brasil, país em desenvolvimento. Suas motivações, frustrações, percepções da vida na *Terra Brasilis*, entre outros elementos, são importantes na composição do panorama daquele que se movimenta de um ponto a outro no globo com a intenção de fixar-se.

A perspectiva é a de um deslocamento focado no bem-estar do sujeito e da sua família. São pessoas que encontraram sentido em viver na cidade de João Pessoa e, por isso, fixaram-se lá. A seguir, apresentam-se os marcos temporais e metodológicos da pesquisa.

MARCOS TEMPORAIS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

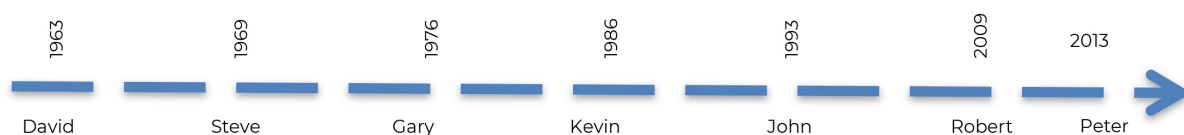
Foram oito encontros no total com entrevistas, e a pedido de um deles e buscando trazer uniformidade à pesquisa, seus nomes, de familiares e amigos, caso tenham surgido, foram trocados por pseudônimos¹ para que fossem mantidas as identidades

¹ Os nomes Andrew Barlow e David Barlow permaneceram no original, pois advêm da publicação da entrevista concedida ao jornal *Correio da Paraíba* por Andrew Barlow (30 jun. 2013), sobre David Barlow, e a relação com a cultura inglesa na cidade de João Pessoa. Para fins de referência, utilizarei (Barlow, 2013) quando fizer citações que tomam o texto dessa entrevista como fonte.

em sigilo. Inicialmente, foram cinco sujeitos: os ingleses John e Peter (maio de 2012); os norte-americanos Kevin e Gary (agosto de 2012); e o inglês Steve (outubro de 2012). Em nova rodada de entrevistas, apenas dois dos cinco inicialmente contatados mostraram-se disponíveis (Peter e Steve), contudo houve a adição de um sexto sujeito inglês, Robert (setembro de 2013). Todas entrevistas foram previamente autorizadas pelos sujeitos.

À época da entrevista, a distribuição etária era a seguinte: Gary – 70 anos; Steve – 67 anos; John – 61 anos; Robert – 47 anos; e Peter – 38 anos; Kevin não revelou sua idade. David Barlow encontrava-se em faixa etária acima dos 80 anos, hoje é falecido. Com o objetivo de ilustrar os diferentes espaços de tempo de suas chegadas, apresento uma linha do tempo (Figura 2), que indica os anos e os nomes, respectivamente, em que eles completaram suas viagens chegando até João Pessoa. Dessa forma, o período de análise das memórias sobre as trajetórias compreende o espaço de tempo de 40 anos, entre os anos de 1969, com a chegada de Steve no final da década de 1960, e o ano de 2009, com o segundo deslocamento, e fixação, de Peter no final da primeira década do século XXI.

Figura 2: Linha do tempo ilustrando as chegadas dos entrevistados ao Brasil



Fonte: Elaborada pela autora.

As entrevistas² foram realizadas em língua portuguesa ou inglesa. Dos seis entrevistados, apenas Steve (2012, 2013) optou pelo português como forma de comunicação. É factível que as construções de significados e de subjetividades estejam diretamente entrelaçadas às noções culturais que, inevitavelmente, estão associadas às linguísticas. Discorrer em português sobre sua experiência no Brasil significa muito mais do que expressar a habilidade de manipulação e controle linguístico, significa expressar, na

2 As entrevistas foram transcritas, e neste artigo trago a minha tradução livre dos excertos para ilustrar os discursos dos sujeitos. A tese está disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129587>. Para a transferência do material do meio auditivo para o escrito, incorporei elementos paralinguísticos de acordo com os códigos, a saber: pausa []; pausa longa [pl]; risos [r]; interrupção [/]; quando o entrevistado utiliza um termo ou uma expressão diferente da língua enunciada, neologismo ou tradução aproximada, nesse caso utilizo os [] para inserir o termo ou a expressão equivalente; entonação mais forte por meio do recurso **negrito**, tanto para uma palavra quanto para uma expressão ou frase; *italico* para expressões que não pertencem à língua em que a entrevista está sendo realizada.

língua do país, que ele elegeu como lar, sua identificação com ele. Língua e experiência estão inscritas uma na outra de forma imbricada.

Com os demais entrevistados, a centralidade da língua foi expressa na preferência pela materna. Contudo, alguns alternavam, em meio ao diálogo em inglês, a utilização de termos ou expressões em português, e vice-versa, como é o caso de Gary ao descrever sua trajetória acadêmica: “Meu diploma de graduação foi de uma *faculdade* jesuíta, chamada Rockers College [...]” (Gary, 2012). Em vez de utilizar a palavra *college*, Gary faz o emprego do termo correspondente em português. Tal alternância assinala o quão carregado de significado um termo pode estar quando empregado em língua diferente da que está sendo administrada a situação dialógica. A língua é dinâmica, e o sujeito age sobre ela, promovendo intercâmbios lexicais em meio à identificação com a cultura em que está.

As fontes orais (entrevistas) são capazes de revelar as nuances de significados que não estão aparentemente escritos, mas repousam na percepção do observador. São significados unidos por uma ponte entre a análise linguística e a análise social. A associação entre história oral (HO) e análise crítica do discurso (ACD), de forma interdisciplinar, possibilita a travessia dessa ponte, já que permite uma visão holística do discurso. Dessa forma, entender a ordem social e os discursos sociais é, acima de tudo, posicionar-se criticamente, não para julgar, mas para atribuir uma atitude de observação, uma atitude de análise da conjuntura em foco, da experiência do migrar. A intersecção dessas esferas promove uma visão interpretativa do discurso no momento em que é produzido, sobre outro momento no tempo e no espaço, não obliterando o fato de que é uma interpretação permeada pelas subjetividades da pesquisadora e do entrevistado, como orientam Alberti (2005) e Portelli (1996).

O emprego de fontes escritas (jornais, por exemplo) à pesquisa acadêmica promove novos contornos analíticos, além de aumentar a possibilidade de conhecimento sobre os fatos estudados. Marco Morel e Mariana Barros (2003) apontam o papel da imprensa na constituição de identidades culturais. Tânia de Luca (2012, p. 15) fala da imprensa como promotora de “versatilidade e [d]as possibilidades abertas aos historiadores pelo mundo dos impressos periódicos”, os jornais e as revistas constituem “o caráter de fonte primária relevante”, e a imprensa é referencial em pesquisas com HO (Martins; Luca, 2008).

A metodologia de seleção, produção e condução do material de pesquisa é a da HO, com a narrativa de “trajetória de vida”, considerando aspectos dos caminhos percorridos para o Brasil e não aspectos da vida pregressa. A memória do caminho é categoria fundamental, uma ferramenta do exercício criativo e narrativo, individual ou coletivamente, de exposição, remodelação e manutenção de fatos e experiências dos

sujeitos – experiências vividas nos traslados entre os espaços por onde os sujeitos passaram e que ocupam hoje locais em suas memórias.

Ecléa Bosi (2004, p. 20) alerta que a narrativa “colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, [e] é uma recomposição constante de dados”. Segundo o mote de Verena Alberti (1996, p. 5), devemos recuperar o “vivido conforme concebido por quem [o] viveu”. E assim, por meio de um exercício narrativo, os sujeitos deslocam da memória para o discurso oral detalhes sobre sua adaptação ao Brasil ontem, hoje e, quando não, arriscam projeções para o futuro.

Para Joan Wallach Scott (1999, p. 42) a “experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada”. Assertiva essa corroborada por Norman Fairclough (2010a, p. 93) quando este elenca que os discursos são “formas de significar áreas da experiência a partir de uma experiência particular [...]”. Logo, os discursos enunciados nos remetem às experiências individuais, oferecendo-nos nuances do que a pessoa experimenta, e deslindam aspectos acerca da construção imagética, via memória, sobre os percursos de vida deles.

Por meio das ferramentas da ACD, estratégias embebidas nos discursos são reveladas mostrando como os sujeitos organizam socialmente suas práticas discursivas. A investigação linguística permite refletir a respeito, uma vez que “o discurso contribui [...] para a construção do que é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições subjetivas’ para os ‘sujeitos’ sociais e tipos de ‘self’” (Fairclough, 2010a, p. 64), categorias que são caras para essa pesquisa, que tem os sujeitos como ponto central. O conceito de *self* advém de Anthony Giddens (1991, p. 75), ao representar um projeto de responsabilidade do sujeito; afinal, “somos o que fazemos de nós mesmos”. Para o autor, o processo de reflexividade do *self* envolve relações contínuas entre o passado e o futuro, que permitem ao sujeito se “autoatualizar” e perceber e “agarrar” novas oportunidades de experiências. Aqui as mobilidades mostram que os sujeitos aproveitam a chance de deslocamento para outro país e, a partir dela, geram mudanças – físicas, no outro e no *self*.

Três são os elementos essenciais na análise crítico-discursiva: o texto, o discurso e a prática social, caracterizando a perspectiva tridimensional. Os procedimentos analíticos seguem a perspectiva *bottom-up*, isto é, da menor unidade para a maior, isto é, do que o sujeito experimenta de maneira individual para as suas semelhanças, ou diferenças, com outros sujeitos, em situações análogas. A análise textual conduz, automaticamente, às inferências nas dimensões textuais, discursivas e sociais simultaneamente, já que, quando se analisam textos, são realizadas avaliações de formas e de significados (Fairclough, 2010b). Assim, não são analisadas características formais ou unidades gramaticais isoladamente, mas sim a importância delas no contexto enunciado pelo sujeito. A seguir, apresenta-se a percepção de seis entrevistados sobre a cidade de João Pessoa.

A JORNADA

Muitos elementos são construídos estrategicamente nos discursos para compor a trama que leva até a cidade de João Pessoa. Além das motivações como escape à rotina, ao estresse e à violência, o clima figura como parte consubstancial na afirmação tropicalizada da comunidade imaginada brasileira. Para Avtar Brah (2003), a comunidade imaginada manifesta-se na presentificação da noção de lar, isto é, materializar aquele local como sendo o lar, realizado por meio de sistemas de representação sobre famílias, redes familiares, colegas de trabalho, entre outros, como relata John (2012): “existe uma ideia estereotipada do Brasil, é o sol, é o sol é a praia, é o clima quente, e as *caipirinhas* e todos esses tipos de coisas, essa imagem. [...] mas eu não estava vivendo nada disso”.

A concepção da estereotipagem é traçada – e marcada discursivamente pela repetição – por meio da presença de um elemento: o sol. Embora o sol, no plano teórico e do senso comum, brilhe para todos, aparentemente, na porção inferior ao Equador, ele brilha e aquece mais, e essas seriam as condições necessárias de felicidade e satisfação que John buscava para si e sua família.

A escolha pela cidade se dá em decorrência de um sentimento de ausência, dentro da criação imagética feita pelo estrangeiro sobre o Brasil, quando John destaca haver “uma imagem” do Brasil. Nela, todo o arquétipo que fora criado acerca de um *éthos* brasileiro, isto é, a complexa reunião de características, traços, atitudes, hábitos, crenças, valores, visões que envolvem o “viver no Brasil”, não estava sendo contemplado na localidade em que ele se encontrava.

É a idealização de um local, imageticamente um Brasil repleto de praias, impossível de se realizar em Itajubá, em Minas Gerais, onde ele residia, na porção central do país. Ele desejava um Brasil de clima quente, outro ponto desfavorável para o município mineiro, já que ele estaria ao sul do estado e em uma região montanhosa, com predominância de baixas temperaturas. Aquela combinação de região montanhosa com o clima recordava-lhe sua cidade natal, na Inglaterra, o que ele não queria.

Sol e caipirinhas são itens unidos ao montante de categorias auxiliaadoras na composição de uma representação do que seria, no plano ideal para John, viver no Brasil; afinal, o sol não estaria ausente do panorama geográfico mineiro, apesar de potencialmente não “esquentar” tanto quanto ele desejasse, e as caipirinhas, por sua vez, como *drinks* nacionais, estão disponíveis em qualquer localidade do território nacional.

John considera que estaria sendo submetido a temperaturas extremas em Minas Gerais, e isso despertava o questionamento de onde estaria esse sol que é objeto de conhecimento no senso comum e imaginário coletivo daqueles que visualizam o Brasil: “eu **estava morrendo completamente congelado** até a morte ... Eu ficava tipo ‘onde está o sol?’ Eu estava congelando até a morte [...]” (John, 2012). Por isso, ele desejava a mudança para um ambiente que lhe proporcionasse satisfação e conforto. Nessa

busca, John (2012) lança-se no empreendimento de encontrar um local que pudesse trazer esses sentimentos atrelados a outras características:

[...] eu comecei a procurar na internet, e de todas as cidades que eu encontrei que eram realmente onde queríamos estar, estavam no sul. Nós olhamos em hmmm, na internet, nós olhamos Blumenau, Joinville, hmm, outro local próximo, entre Joinville e Blumenau [...] eu li que aquelas áreas estavam muito ligadas à chuva e ao vento, e até mesmo os *websites* sobre Curitiba diziam “Oh se você vai visitar Curitiba assegure-se de trazer uma capa de chuva”. Eu não queria aquilo, você sabe? Mas havia uma cidade que, se você olhasse nas dez melhores cidades para se viver e coisas do tipo, João Pessoa estava sempre lá e foi por causa dessa regularidade, ela aparecia em todos os tipos de listas, que eu comecei a notá-la e então, simples assim, não existe, não existe uma varinha mágica que fez plim “você deve ir para João Pessoa”. Foi porque eu fiz muita pesquisa por um ano e fui conscientemente selecionando as cidades até chegarmos em João Pessoa.

João Pessoa é projetada numa dimensão que a coloca na posição de um “oásis”, não somente climático, mas de qualidade de vida. Já as cidades do Sul brasileiro são associadas a um clima de chuva, o que remeteria ao cenário londrino e, portanto, não se encaixariam no perfil desejado. Um pouco da cultura inglesa é refletido no discurso de John quando relata sua busca pelo local “ideal” para seu lar. Clima e estatísticas *on-line* são as palavras-chave quando associadas ao recurso tecnológico da internet no percurso que o traz de Minas Gerais para a Paraíba. Por meio dos *websites*, John encontra a cidade que reúne as características que ele e sua família consideravam satisfatórias para seu estilo de vida e que aparentava ser excepcionalmente agradável, quando comparada ao local em que se encontrava. E, a partir da consistência das informações, e também guiado pelo pragmatismo que é comum à sua cultura, ele opta por uma visita inicial à cidade.

Para efeito de contraste, alguns entrevistados trazem grandes cidades do Sudeste brasileiro, como Rio de Janeiro e São Paulo, e do Nordeste, como Recife, no panorama de experiências e até mesmo de escolha de local para viver. Dessa forma, eles moldam uma memória coletiva sobre suas experiências anteriores à chegada em João Pessoa:

[...] hmmm, na verdade, eu acho que aqui, no Brasil, eu acho que o único lugar que eu realmente gostaria de estar é aqui [João Pessoa], porque, para mim, São Paulo, Rio são grandes demais para mim, apesar de,

profissionalmente, poder ser melhor lá. Eu não considero isso. Eu não vejo, por exemplo, nem mesmo Recife, a violência, eu apenas me sinto tão à vontade aqui [João Pessoa], eu me sinto em casa, na verdade (Kevin, 2012).

O efeito megalópole das grandes cidades brasileiras não atrai Kevin, muito embora ele tenha convivido com outras grandes metrópoles em seus deslocamentos anteriores. A noção de lar é evidenciada como o elemento que tem propriedades magnéticas para trazê-lo e fazê-lo se sentir em casa, fato relevante para a permanência. A comparação com outras cidades adjacentes e de maior porte é inevitável. A preferência pela capital paraibana aparece no âmbito de ser uma cidade com imagem exatamente contrária as suas vizinhas, como discorre Peter (2012):

[...] eu gosto de João Pessoa porque é uma cidade que chama pouca atenção, eu ainda acho que, se eu fosse daqui, eu ficaria um pouco frustrado, porque Recife, Natal, Fortaleza, a maioria das cidades no Nordeste, têm perfil melhor do que João Pessoa, mas eu acho que é porque ela chama pouca atenção, é calma [...].

De modo insólito e discreto, a cidade, de fato, “chama a atenção” de Peter, muito embora ele utilize um discurso que parece informar o oposto. Em uma cidade de pouco destaque turístico, comercial etc., ele deixa de ser o estrangeiro que se destaca na multidão para ser apenas um estrangeiro transeunte. Ao esclarecer a sua compreensão do perfil da cidade, Peter indica que é uma cidade calma, modesta, que atrai pouca publicidade e é por isso que ele a aprecia e o que o faz permanecer lá. Peter consegue distanciar-se do papel de estrangeiro para indicar que, caso fosse um nativo, provavelmente “ficaria frustrado”, uma vez que outras cidades do Nordeste brasileiro, como Recife, Natal e Fortaleza, possuem o que ele chama de “perfil melhor”. Aqui, na figura do outro que vem de fora e entra em contato com o outro que está dentro, ele apresenta sua visão e as marcas de diferença quanto às tradições, aos costumes e às práticas sociais. É o olhar externo do outro que proporciona valor à localidade.

Por intermédio das relações pessoais e, posteriormente, conjugais (Ouverney-King, 2014), estabelecidas nos momentos transnacionais em que os sujeitos encontram-se no “entre lugares” – no trânsito entre a sociedade de origem, outra sociedade e o Brasil, ou até mesmo já empregados, mas sem uma perspectiva de fixação – que suas vindas são consolidadas: “na época meu pai era supervisor da Goodyear, tinha um bom salário e disse: minha esposa não gosta muito de São Paulo, ela tem uma alergia enorme com essa poluição” (Barlow, 2013). A saúde da esposa de David Barlow, do mesmo

modo, é destacada como elemento propulsor do deslocamento em associação com a certeza de estabilidade financeira para ele e, conseqüentemente, para o casal.

Aspectos estruturais da cidade, como as condições das estradas, são elencados no rol da preferência. Ainda que Peter (2013) sinta falta de um cenário mais cultural, seu favoritismo é ressaltado:

[...] eu acho que são as pequenas coisas, tipo mais cinemas, por exemplo. Existem apenas um ou dois cinemas em João Pessoa. Esse tipo de coisa, me frustra. Por um lado, eu não gosto de *shopping centers* e eu acho que eles me entediam, por outro lado, se às vezes você quer ir a um *shopping center*, você, é melhor do que ir para Recife, João Pessoa [é melhor], e Recife é uma rota terrível, péssimas estradas [...].

O discurso de Peter cria situações dicotômicas de reflexão quanto ao seus próprios anseios e sentimentos. Se, por um lado, a frustração configuraria uma posição eurocêntrica e focada em um centro urbano avançado e moderno, por outro, mostra que ele não busca essas características na cidade que escolheu para morar, mas uma imagem oposta. A percepção de uma potencial necessidade do morador local e de uma prática social denota a escolha da cidade.

Outro item submetido ao julgamento e à seleção do local de morada é o fator climático, veementemente destacado na narrativa de John (2012):

[...] [] e o clima ajudou também [...] mas [] o clima [em MG] era igualzinho ao da Inglaterra e o grande problema lá [MG] era que as casas não eram adaptadas para o frio, e **eu não conseguia suportar** o frio e a chuva [...] eu nunca conseguia ir para a cama sem estar vestindo todas as minhas roupas, além disso, eu usava luvas, coisas desse tipo, cobertores, e eu nunca tinha feito isso na Inglaterra, mas é claro as casas são construídas de uma forma diferente e elas têm sistemas de aquecimento [...] uma ideia estereotipada do Brasil, é o sol, é o sol, são as praias, é o clima quente [...] então eu disse “Olha, João Pessoa é calor garantido, [] mais do que isso” [...].

O clima representa um dos fatores influentes na opção pela capital paraibana, pois o que John estava vivendo em Itajubá causava-lhe insatisfação e lembranças do que lhe desagradava na sociedade de origem: o frio e a chuva. Condições climáticas desfavoráveis e que não estavam aliadas às estruturas arquitetônicas em que ele e sua família se encontravam foram preponderantes na decisão de mudança.

A recorrência do vocábulo “sol”, no decorrer do discurso de John, mostra como há uma ênfase em destacar o astro-rei como fator delineador nas motivações para a mudança. Simbolicamente, o sol pode ser interpretado como elemento de fertilidade, fonte de luz, calor e vida (Chevalier; Gheerbrant, 1996), os dois últimos itens representando exatamente o que ele não conseguia visualizar ou sentir em Itajubá. Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 951) apresentam o sol por meio da carta do tarô como a “expressão de felicidade do indivíduo que está em comunhão com a natureza”, traduzido, precisamente, na dedicação dele para com sua família ao buscar na cidade de João Pessoa a sua nova morada, a cidade onde “o sol nasce primeiro”.

O sol e o calor são algumas das inspirações físicas que exercem poder de atração sobre esses sujeitos para localidades como João Pessoa: “ahhh [pl] eu gostei do estilo de vida e do clima, e das pessoas. Eu gosto do estilo de vida da praia [...] eu definitivamente prefiro os climas mais quentes e a praia, então essa seria uma outra razão, talvez” (Peter, 2012). Diante das funções apresentadas, o local passa a ser o que Alejandro Garcês (2006) chama de “identificador”, pois não somente localiza geograficamente o sujeito, como também o identifica de acordo com as funções por ele estabelecidas, no caso, em um local de clima ameno, como afirmado por Peter (2012). Espaços escolhidos como novos locais de habitação são apropriados, delimitados e definidos em termos das funções, das relações e dos sentimentos que para os sujeitos importam ter, tornam-se “lugares *relacionais*” (Garcês, 2006, p. 8), pois com esses lugares os sujeitos estabelecem relações de desejo, inspiração, anseio e, até mesmo, repúdio (pela terra natal, por exemplo).

Discurso semelhante é compartilhado por Robert (2013): “eu sei, como aqui [João Pessoa], eu gosto da luz do sol [...]”. Sol, luz solar, simbologias que se reportam a um cenário que, potencialmente, não seria possível nas cidades inglesas de clima chuvoso e cinzento, de onde Robert, Peter e John vêm. Uma vez no Brasil, esses cidadãos têm acesso a uma fonte de energia advinda da natureza que remete à vida, à renovação, às novas experiências.

No meio ambiente, configuram-se as partes identificáveis da necessidade e justificativa de mudança. A cidade insere-se em um contexto que intersecciona identificação, realização pessoal e climatológica. A praia é apropriada pelo sujeito como o espaço de integração entre ele e o local:

[...] mas é porque eu gosto da praia então eu poderia viver, por mim, onde eu vivi. De volta à sua pergunta, Prestwood, o vilarejo onde eu cresci, é o local na Inglaterra, ou é perto do local na Inglaterra que fica **mais distante** da praia no país todo e é tipo, apenas duas ou duas horas e meia. Não é, mas, porque a Inglaterra é uma ilha relativamente pequena,

a maioria dos lugares em que vivemos são próximos da praia, mas onde eu vivi, por coincidência, era relativamente distante da praia, e o clima, de qualquer maneira, era terrível na Inglaterra. Mas eu gosto muito da praia e do mar, eu gosto de poder ver o mar, pacífico [/] (Peter, 2013).

Ao enunciar a relação entre “estilo de vida” e “praia”, Peter provavelmente não se dá conta do quão relevante a simbologia do vocábulo “praia” representa para a sua fala. Quando se pensa semioticamente em praia como um local de lazer, o vocábulo remete a um campo semântico e imagético que pode compreender uma localidade de águas verdes ou azuis, com margem de areia, branca ou escura, onde podemos nos sentar ou repousar sob o sol e fazer bom uso da sensação de relaxamento e superação de tensões. Um espaço democrático de socialização em que todos se igualam, desde crianças até adultos, no desejo de aproveitar o momento.

Por meio dessa proposição pictórica, elabora-se o estereótipo do litoral do Nordeste do Brasil, com suas praias paradisíacas de águas mornas e rasas, clima aprazível, onde não há, potencialmente, necessidade de preocupação. A noção de um “estilo de vida da praia” remete à ideia de um estilo de vida livre de grandes preocupações e estresse.

Partindo do pressuposto de que em seu país de origem o clima impossibilita um contato maior com a luz solar, para Robert, estar em uma localidade onde a ocorrência de chuvas é baixa configura-se em uma realização pessoal. Do ponto de vista imagético, a figura do sol representa luz, calor e vida (Chevalier; Gheerbrant, 1996), elementos que ele necessitava em virtude da sua experiência desfavorável com sua saúde na cidade de São Paulo, onde morou.

Há um *continuum* estabelecido na associação entre “estilo de vida” e “local de circulação”, refletido na presença da praia e da luz solar como lugares que são, ao mesmo tempo, de desejo e de realização. Muitas das escolhas podem ser reveladas nos discursos, pela relação entre mundo interior – autorrepresentações e representações de desejos – e o mundo exterior – o que é almejado.

Brian Hoey (2009), em pesquisa com moradores do nordeste do Michigan, expõe que os relatos autodefinem-se tanto em relação às subjetividades quanto ao local escolhido. Para Hoey (2009, p. 34), “migrantes por estilo de vida reconhecem o papel essencial do local ao criarem um senso de *self* duradouro”. Karen O’Reilly e Michaela Benson (2009) explicam que a escolha do local revela muito sobre a posição social e material na construção que o sujeito promove de si.

Chegou o momento de conhecer a cidade entre as melhores cidades para se viver:

[...] então tomamos uma decisão, nós dissemos “ok então, vamos passar o Natal e o Ano Novo”, seis semanas no total, e vamos investigá-la, vamos pesquisá-la em detalhes, olhar em todos os locais e vamos descobrir sobre João Pessoa. Então fomos de carro, foi uma jornada fantástica (John, 2012).

Durante o verão, período compreendido entre dezembro e março no hemisfério sul, a Região Nordeste do Brasil, onde a cidade de João Pessoa está localizada, apresenta uma temperatura que varia de 34 a 36 graus, com céu claro e poucas ocorrências de chuvas. Um clima ameno que facilmente acolheria os anseios do inglês e de sua família.

A narração do percurso realizado de carro transporta todo o sentimento de entusiasmo de John, que o classifica como “uma jornada fantástica”, expressão que é retomada mais de uma vez durante a narrativa. Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 557) asseveram que “jornadas simbolizam aventuras e buscas, que podem variar desde riqueza até o conhecimento”. De acordo com os autores, ao termo “jornada”, utilizado por John nesse contexto, podemos atrelar a noção de peregrinação, como se a viagem para João Pessoa, partindo de Itajubá, lembrasse a busca pela “Terra Prometida”.

Na verdade, é o alcance do local onde ele poderia experimentar o desejo, também ilustrado na fala de Steve (2012), por exemplo: “eu quero ir, porque eu fiquei com essa, esse desejo de conhecer Brasil”. Viver aqui, cercado por uma cidade de clima ameno, onde o sol é predominante, é a manifestação física e materialização do desejo. Além disso, o uso do termo “jornada” pode remeter à expressão de uma necessidade de mudança, deslocar-se do antigo para o novo, o que os aguarda após a viagem. Corroborando essa noção, Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 557) citam: “jornadas são evidências de ausência de satisfação, que estimulam a busca e a descoberta de novos horizontes”. As jornadas que Peter, Gary, Robert, Kevin, Steve e John traçaram e vêm percorrendo ao longo do tempo com suas famílias foram repletas de riqueza, não material ou financeira, mas que lhes oportunizou saúde física e mental, bem como capital cultural.

A descoberta de novos horizontes, igualmente, implica novos olhares. Desse modo, a forma como John os relata mostra uma atomização da experiência em ser afetado pelas localidades por onde passou ao descrever seu percurso. Donna Haraway (1995, p. 20) expõe que há uma “particularidade e corporificação de toda visão”, e essa noção de particularidade é evidenciada na forma como John (2012) corporifica a visão e experiência de viagem sobre lugares por onde passou:

[...] levou quatro dias. [...] foi uma jornada fantástica e eu vou lembrar dela pelo resto da minha vida. Eu vi partes do Brasil que eu sei que ninguém mais já viu, e apesar de estarmos nas estradas principais. **Fantástico!**

Eu vou lembrar até hoje, nós chegamos a João Pessoa e nós, nós dirigimos até a ahhh estrada entre Recife e João Pessoa, e não era moderna como é agora, e então eu lembro estar dirigindo sobre um morro e eu vi a cidade a distância e existia uma pequena estrada secundária. Eu vou lembrar até hoje a primeira vez que eu saí do carro, e lembre-se que nós estávamos em um carro com ar-condicionado, e o calor fez-me sentir como se estivesse em uma **explosão atômica**.

John personaliza o momento de sua chegada de tal forma que exclui a possibilidade de qualquer outra pessoa ter tido aquela mesma experiência. Embora outros possam ter transitado por aqueles espaços, as experiências não podem ser comparadas às que ele teve quando as vivenciou, já que se considera uma espécie de “desbravador”. Assim, a materialização do desejo realizado de um novo horizonte ocorre quando ele relata o primeiro momento em que sente o calor. A sensação é de contraste ao sair do veículo climatizado, e deparar-se com o ambiente quente externo, segundo ele, já corresponde a um calor extremo, já que ele alude à manifestação intensa de calor de uma explosão para descrever a sensação que teve ao deixar o interior do veículo.

Avistar ao longe a cidade de João Pessoa é a concretização visual, e física, da sua chegada. A memória da chegada é lembrada por ele com regozijo no momento presente e enfatizada durante o discurso. Ao contrário do que ele havia recusado, ao citar que não havia uma “varinha mágica” no processo de escolha por João Pessoa, a chegada à cidade indicava, como num passe de mágica, a resolução de seus descontentamentos, a despeito do calor “atômico” que o recepcionava.

Conjugalidade e contatos são algumas das justificativas para a vinda:

[...] por que João Pessoa? Eu acho que a Paula tem alguns, não, Paula tem alguns amigos aqui, eu tenho alguns contatos aqui, e pareceu, eu acho que [João Pessoa] tem um histórico de atrair aposentados [r]. Ééé, eu não sei por que, eu gosto daqui, João Pessoa. Aqui é Cabedelo,³ você sabe. Mas é bem ao lado de João Pessoa (Robert, 2013).

Além disso, a localidade parece atrair o sujeito que procura um estilo de vida de aposentadoria, isto é, uma vida menos turbulenta, mais relaxada. Ainda que o sujeito

3 Cabedelo é um município localizado ao norte de João Pessoa, com população de 69.773 pessoas de acordo, com o último censo de 2021. Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/cabedelo.html>. Acesso em: 4 nov. 2022. O município faz parte da região metropolitana de João Pessoa, conhecida popularmente como Grande João Pessoa. Informação disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/regiao-metropolitana-de-joao-pessoa.html>. Acesso em: 3 abr. 2023.

não esteja aposentado, como é caso de Robert, ele se antecipa e procura o local que satisfaça suas futuras necessidades. Por estar localizado na região chamada Grande João Pessoa, o município de Cabedelo alia os benefícios de uma localidade com praia e calma, à proximidade da cidade maior.

Para Peter (2012), a ida para João Pessoa foi uma concorrência de interesses pessoais e circunstâncias acadêmico-profissionais estabelecidas entre ele, como estudante de Letras da Universidade de Leeds, e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, com a qual a Universidade de Leeds mantém relações de permuta acadêmica: “eu fiz Letras, e eu estava cursando Francês e Português [...]”.

Steve, contudo, esteve, durante muito tempo, dividido entre as cidades de Recife, em decorrência de sua ocupação, até a aposentadoria, no Conselho Britânico, e João Pessoa, em razão do vínculo empregatício da esposa. Quando pergunto sobre sua vinda em definitivo, ele explica que havia passado três anos executando o percurso entre as cidades, porém é corrigido por Marina, sua esposa, que informa que o período foi de dois anos e meio. Após o comentário de Marina, Steve (2013) retifica e detalha mais sobre os deslocamentos entre as cidades:

[...] dois e meio. E a gente ficava no apartamento, aqui perto, da irmã da Marina. E quando ela começou a ter mais horas, assumiu outras responsabilidades aqui em João Pessoa, a gente continuava lá, e era cômodo, né? Mas, por vários motivos que tem que ver com a família da Marina, a mãe dela, né? Tínhamos que [], bom, já tínhamos esse apartamento, mas “tava” alugado [] então começamos a morar, parcialmente, em João Pessoa em 2006, quando voltamos, e de vez, de vez, no começo do ano passado [2012]. Um ano e meio, ou seja, é só morando aqui. E não, não, eu acho que foi uma excelente decisão, estivemos agora no Recife e Recife não dá mais, realmente.

A cidade, como espaço urbano de funcionalidade e habitação, também orbita a sociabilidade, já que a família da esposa de Steve lá mora. Estratégias familiares como o suporte que a irmã de Marina provia por meio da permanência do casal em seu apartamento, o emprego da esposa na cidade de João Pessoa, os cuidados com a família da esposa, o fato de já possuírem um apartamento que pertencia ao casal são alguns elementos que exercem força de atração. A mudança em definitivo reflete uma necessidade baseada na conjugalidade e, por extensão, na família, na forma de apoio aos familiares da esposa e nas suas necessidades intrínsecas. Além disso, são destacadas, igualmente, características negativas em relação à permanência na cidade de Recife que, conseqüentemente, reforçam o apelo afetivo por João Pessoa.

A percepção é de que vir para o Brasil, independentemente da região, do estado ou da cidade, apresentaria uma marca de aventura, um entusiasmo em relação a um país que figura no imaginário europeu como o país “exótico” e, assim, desperta a curiosidade dos cidadãos que desejam visitá-lo. O termo “aventura” é recorrentemente associado ao deslocamento:

[...] eu tenho esse senso forte de um pouco de aventura, só um pouco de aventura, você sabe? Por que não o Brasil? (Robert, 2013).

[...] eu podia escolher ir para um país por um ano e um país por um semestre, e eu escolhi ir para o Brasil por um ano simplesmente porque eu nunca havia ido e eu achei que era emocionante [...] (Peter, 2012).

[...] minha motivação inicial era por aventura, eu queria ir para um país diferente, ter experiências diferentes [...] (Gary, 2012).

[...] me juntei com dois – foi uma experiência fenomenal – me juntei com dois amigos, construímos uma casa, com teto de palha, numa, num lugar como Costinha,⁴ de, digamos, de 30 anos atrás. Não era favela, era uma vila de pescadores. Construímos um barco e fomos. Nos lançamos a pescar, na boca do Rio Magdalena,⁵ meu interesse era aventura e também, eles disseram sempre: “Depois de pescar um pouco, vamos montar [juntar] um pouco de dinheiro e vamos para Brasil”. “Vão para Brasil”, eu achei, “é, eu acho que Brasil deve ser interessante”. Esse espírito de aventura [...] (Steve, 2012).

Viver em um país estrangeiro parece satisfazer o desejo inerente de fazer algo diferente, em ser diferente, em desviar da norma. Escolher viver no Brasil, para Peter, por exemplo, simultaneamente, promove esse desejo de aventura e proporciona a sensação de segurança, uma vez que seria apenas por um ano e, se, ao final desse período, não desse certo, ele teria o regresso à Inglaterra garantido, como um porto seguro. Para Gary e Steve, as representações inglesas e norte-americanas do Brasil estariam pautadas no exotismo e no desconhecido, que, por sua vez, expressam e clamam ousadia e emoção, produzindo um saber estilizado. São construções de uma comunidade

4 Costinha é uma praia do município de Lucena, localizado ao sul de João Pessoa. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-lucena.html>. Acesso em: 3 abr. 2023.

5 O Rio Magdalena é o maior da Colômbia. Disponível em: <https://www.megatimes.com.br/2013/11/rio-magdalena.html>. Acesso em: 3 abr. 2023.

imaginada brasileira repletas de simbolismos, alguns frutos da imaginação do narrador, outros baseados em realidades que, muitas vezes, são significados compartilhados com outros grupos sociais. Um saber que somente pode ser verificado *in situ*, no contato com os habitantes e, inexoravelmente, com as culturas brasileiras. Vir para cá é um empreendimento que envolve sonhos e, a princípio, incertezas, mas com o passar do tempo revela sucesso e realização.

Enquanto John (2012) coloca sua memória de chegada à cidade como uma experiência individual, Peter (2012), por sua vez, posiciona sua memória na esfera coletiva e imanente, inserindo no discurso aqueles que o acompanharam na viagem para a cidade:

[...] eu sempre lembro que nós, a primeira vez que viemos, voamos para cá, tínhamos que voar de Londres para o Rio ou São Paulo e de lá subir para João Pessoa. E naquela época havia pouquíssima informação sobre João Pessoa no guia turístico, ainda não tem muita.

Nesse trecho, críticas são realizadas quanto ao longo trajeto, à ausência de informações turísticas em guias sobre a cidade, havia pouca informação turística e substancial que “daria conta do recado”, no que tangia à missão “emocionante” de vir para João Pessoa. A cidade está situada no corredor turístico entre dois estados de grande destaque em meio à seara do turismo, um ao norte e outro ao sul da Paraíba: Rio Grande do Norte, com a capital Natal, e Pernambuco, com a capital Recife. Mesmo assim, de acordo com a visão dele, as informações seriam “incipientes” sobre a cidade que, no futuro, “cativaria” a atenção de estudantes e, entre eles, o próprio Peter (2012):

[...] mas nós sabíamos que era na praia. Nós sabíamos que deveria ser hmmm [] bonita [] mas, quando aterrissamos no aeroporto de João Pessoa, meio que nos perguntando “onde diabos estávamos?”. Esse aeroporto muito pequeno, no continente, não conseguíamos ver a praia, e eu vou sempre lembrar que foi um pouco, um pouco, um choque.

A informação sobre a cidade constitui-se em uma imagem associada a um cenário paradisíaco praiano que parece, momentaneamente, ocultar-se quando da chegada ao aeroporto.⁶

6 Vale ressaltar que o Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto (JPA) atende à cidade de João Pessoa, mas não se encontra nela, estando localizado no município de Bayeux, adjacente àquela cidade e parte do que é chamada Grande João Pessoa.

A digressão expressa na hesitação seguida de pausa representa, como recurso linguístico, uma forma de evitar a afirmação decisiva sobre a beleza da cidade, ainda que, posteriormente, em outra fala, a hesitação seja abandonada em detrimento da preferência pela cidade. A chegada de avião é, indiscutivelmente, diferente da chegada de carro realizada por John. Aqui ela é representada pelo aparente choque de um aeroporto pequeno e pela impossibilidade de captar o elemento visual que estaria conectado à imagem da cidade: a praia.

Eleger uma localidade diferente da que foi vivenciada em boa parte da sua vida pessoal e profissional parece ser a opção dos cidadãos que se aposentam na faixa etária compreendida entre 50 e 60 anos, ainda considerada economicamente ativa,⁷ segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da *American Association of Retired Persons* (Aarp).⁸ João Pessoa parece deixar a impressão de um espaço que atrai aposentados: “pessoas com cabelo grisalho, e que estão buscando se estabelecer, pode soar como um clichê, mas, desde que eu vim para cá e comecei a falar com as pessoas e a praia, muitas pessoas gostam de se aposentar aqui” (Robert, 2013).

Seguindo esse viés, o migrar, na situação descrita por John, não significava encerrar as atividades profissionais, ainda que estas sejam diferentes das originalmente por ele ocupadas na Inglaterra, já que se aposentou como engenheiro civil e, hoje, em João Pessoa, trabalha como professor de inglês. O deslocamento de um país para o outro sinaliza também uma oportunidade de envelhecer ativamente, isto é, com uma ocupação profissional. Até mesmo o deslocamento de uma cidade para outra, após a aposentadoria, não se traduz pela interrupção das atividades: “não [trabalhava quando cheguei a João Pessoa]! Bom, depende. Eu me classifico como escritor agora, né? Então para mim, isso é trabalhar. Aliás, trabalhar mais que antes. Não existe fim de semana” (Steve, 2013).

O fato é que, ao se aposentarem, os indivíduos procuram um lugar onde possam realizar suas tarefas diárias sem preocupações com trânsito, violência ou clima instável. É uma busca de um espaço que se assemelhe quase a uma “estação de férias” constante, em que possam ter lazer e, provavelmente, olvidar o estresse da vida profissional que levavam. O deslocamento por estilo de vida desfoca as fronteiras entre migração, na forma clássica, e turismo, como período de viagens para o lazer e entretenimento. Maria Casado-Díaz (2009) orienta que a expressão “migração por estilo de vida”, muitas vezes, indica um movimento de sujeitos aposentados, a chamada *international retirement migration* (IRM – migração internacional de aposentados), que vem crescendo desde a

7 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>. Acesso em: 12 jul. 2013.

8 Disponível em: http://assets.aarp.org/rgcenter/il/migration_2.pdf. Acesso em: 14 out. 2013.

década de 1960 e constituiu um elemento comum àqueles que optam por migrar para outro país, estado, região ou cidade ao se aposentarem. As identificações dos sujeitos estrangeiros misturam-se com as de moradores e turistas, muito embora os primeiros tenham residência fixa, já que se deslocam procurando locais que vão lhes proporcionar qualidade de vida semelhante à vida de férias.

As memórias de John, Peter, Gary, Steve, Kevin e Robert, seja de forma individual ou coletiva, trazem o que há de mais subjetivo na percepção de chegada: o prazer de estar em uma localidade onde eles querem estar. E isso é descrito por John (2012) como “algo que realmente mudou a minha vida [...]”. Independentemente dos percalços no alcance da chegada, é na nova cidade em que são recompensados mental, física e interpessoalmente. Ainda que a cidade conte com o inevitável crescimento populacional, é nela que eles desejam permanecer.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As percepções que envolvem a vinda para o Brasil, e no caso específico desta análise, para João Pessoa, Paraíba, movimentam-se numa esfera que pode, com certa cautela, ser considerada colonialista. As “posicionalidades” de sujeitos com origens eurocêntricas, androcêntricas, colonialistas, imperialistas e muitas outras categorias que aqui não convém enumerar proporcionam aos estrangeiros um olhar diferenciado sobre a alteridade brasileira, com a qual eles entram em contato. Apesar de inscritos geopoliticamente em suas posições de sujeito, é nesse contato que suas visões, impressões, sentimentos e, enfim, aptidões de perceber o mundo ao redor são transformadas e reveladas, de forma (des)construída em suas narrativas.

É importante destacar que eles não fazem parte de uma “onda migratória”, na qual vários indivíduos deslocam-se em grupo para uma determinada localidade. Ao contrário, vieram em décadas, momentos, faixas etárias e carreiras diferentes. Nem todos vieram sem escalas para a cidade, e muitos tiveram experiências com outras localidades, como se estas exercessem a função de paradas intermediárias que, eventualmente, os guariam até João Pessoa.

Não são deslocamentos aleatórios, forçados ou em grupo. O deslocamento da porção norte da América e do continente europeu para o sul-americano envolve a presença da assunção cultural, financeira, social e logística sobre o local e a sociedade para onde se pretende viajar. São viagens espontâneas, educacionais ou que têm na mulher a força de atração. Os entrevistados percorrem as trilhas, sozinhos ou acompanhados, mas não fazem parte de redes ou fluxos migratórios.

A partir da composição analítica construída, várias nuances presentes nas narrativas permitem inferências acerca das reconstituições subjetivas nos modos de agir, pensar, falar, refletir, interagir, relacionar-se e suas conexões com o local de fixação.

Essas reconstituições apontam para o Brasil, mais precisamente para a cidade de João Pessoa, como a localidade de um novo *self*. A mudança para a cidade de (João Pessoa) no país estrangeiro (Brasil) percorre o trajeto que permite aos sujeitos reorganizar suas identidades culturais, relações e práticas interpessoais.

Os versos selecionados para abrir o artigo fazem parte da canção, composta em 1987, por Flávio Eduardo Maroja Ribeiro, o Mestre Fuba, compositor paraibano, intérprete de artistas nacionais e escritor, para o evento anual de Carnaval em João Pessoa denominado “Muriçocas do Miramar”. Um bloco, oficializado pelo governo do estado como patrimônio cultural e imaterial da Paraíba, que sai na quarta-feira anterior ao início do Carnaval, denominada pelo compositor como a “quarta-feira de fogo”, em oposição à “Quarta-feira de Cinzas”. O trecho não é o hino oficial da cidade de João Pessoa, contudo reflete duas das características mais marcantes da cidade: o verde, proveniente da grande concentração de matas, e o azul, do mar. Particularidades, igualmente, marcadas nos discursos de pessoas, nascidas em outros locais, que escolheram a cidade como seu domicílio.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. *In: II SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ORAL*, 2., 1996, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 19-20 set. 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 236 p.
- BOSI, E. *O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BRAH, A. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. Gender, racism, ethnicity series. New York: Routledge, 2003.
- CASADO-DIAZ, M. A. Social capital in the sun: bonding and bridging social capital among British retirees. *In: BENSON, M.; O'REILLY, K. (ed.). Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate, 2009. p. 87-102. Disponível em: http://www.brianhoey.com/articles/Hoey_2009.pdf. Acesso em: 4 nov. 2022.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *The penguin dictionary of symbols*. London: Penguin Books, 1996.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge, UK: Blackwell, 2010a.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis*. The critical study of language. 2.ed. London: Longman, 2010b.
- GARCÉS, A. H. Configuraciones espaciales de lo inmigrante: usos y apropiaciones de la ciudad. *Papeles del CEIC*, vol. 6, n. 20, p. 1-34, mar. 2006. ISSN: 1695-6494. 34p.

- Disponível em: <https://ojs.ehu.eus/index.php/papelesCEIC/article/view/12145>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- GIDDENS, A. The trajectory of the self. In: GIDDENS, A. *Modernity and self-identity*. Self and society in the late modern age. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991. p. 70-108.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/17773>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- HOEY, B. A. Pursuing the good life: American narratives of travel and a search for refuge. In: BENSON, M.; O'REILLY, K. (ed.). *Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate, 2009. p. 31-50. Disponível em: http://www.brianhoeys.com/articles/Hoey_2009.pdf. Acesso em: 4 nov. 2022.
- LUCA, T. R. de. Impressos periódicos e escrita da história: algumas observações. In: INSUELA, J. B. R. et al. (org.). *Estudos de Imprensa no Brasil: I Seminário de Pós-Graduandos em História da UFF*. Niterói: UFF, 2012. p. 12-15. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/files/public_ppgh/cap_2012_estudos-de-imprensa-no-brasil-25-06-2012.pdf. Acesso em: 4 nov. 2022.
- MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 7-19.
- MOREL, M.; BARROS, M. M. de. A imprensa como fonte documental. In: MOREL, M.; BARROS, M. M. de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MURIÇOCAS do Miramar. Intérprete: Mestre Fuba. João Pessoa, 1987.
- O'REILLY, K.; BENSON, M. Lifestyle migration: escaping to the good life? In: BENSON, M.; O'REILLY, K. (ed.). *Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate, 2009. p. 1-14. Disponível em: http://www.brianhoeys.com/articles/Hoey_2009.pdf. Acesso em: 4 nov. 2022.
- OUVERNEY-KING, J. Escape às origens e trajetórias de estrangeiros em João Pessoa. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: <https://sumarios.org/artigo/filosofia-e-os-fatos-narração-interpretação-e-significado-nas-memórias-e-nas-fontes-orais>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- SASSEN, S. The repositioning of citizenship. Emergent subjects and spaces for politics. *CR: The new Centennial Review*, v. 3, n. 2, p. 41-66, 2003. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/48301/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

SASSEN, S. The global city: introducing a concept. *The Brown Journal of World Affairs*, v. XI, n. 2, p. 27-43, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24590544>. Acesso em: 4 nov. 2022.

SCOTT, J. W. Experiência. In: SILVA, A. L. da; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O. (org.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-55.

Recebido em: novembro 2022.

Aprovado em: abril 2023.